

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CENOGRAFIA**

LUIZA UADY SIWEK

CENOGRAFIA NO HALLOWEEN

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA PR

2018

LUIZA UADY SIWEK

CENOGRAFIA NO HALOOWEEN

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título Especialista em Cenografia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba.

Orientadora: Professora Dra. Maurini de Souza

CURITIBA PR

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

CENOGRAFIA NO HALLOWEEN

por

LUIZA UADY SIWEK

Este Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Cenografia foi apresentado em 19 de agosto de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialização em Cenografia. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Dra. Maurini de Souza
Professora Orientadora

MSc. Simone Landal UTFPR
Membro titular

Dra. Fernanda Botter UTFPR
Membro titular

RESUMO

SIWEK, Luiza Uady. **Cenografia no Halloween**. 2018. 23. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Cenografia - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Este artigo tem como objetivo apresentar uma pesquisa sobre a Cenografia na manifestação cultural Halloween, percorrendo os seguintes caminhos: elucida sobre a história desta celebração, incluindo as tradições em torno do tema. Aponta a procedência celta e cristã; explica a origem das principais atividades, o uso de fantasias e sobre a brincadeira de “trick or treat”; e justifica a importância cultural nos países de língua inglesa e relaciona a sua entrada na cultura brasileira. Além disso identifica os principais elementos cenográficos utilizados nas celebrações atuais.

Palavras-chave: Halloween. Dia das Bruxas. Cenografia.

ABSTRACT

SIWEK, Luiza Uady. **Scenography in Halloween**. 2018. 23. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Cenografia - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

This article aims to present a research on Scenography in the cultural manifestation of Halloween, going through the following paths: elucidated about the history of this celebration, including the traditions around the theme. It points to Celtic and Christian origin; explains the origin of the main activities, the use of costumes and the trick or treat game; and justifies cultural importance in English-speaking countries and relates their entry into Brazilian culture. It also identifies the main scenographic elements used in the current celebrations.

Keywords: Halloween. Dia das Bruxas. Scenography.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 HALLOWEEN	6
2.1 CELTAS.....	7
2.2 ORIGEM CRISTÃ	9
2.3 HALLOWEEN SE FORTALECE	10
2.4 HALLOWEEN ATUAL	12
2.4.1 Halloween na Cultura Brasileira	
Erro! Indicador não definido.2	
2.4.1.1 Saci pererê	
Erro! Indicador não definido.	
2.5 CELEBRAÇÃO DE RUA	15
3 CENOGRAFIA NO HALLOWEEN: ELEMENTOS CENOGRÁFICOS, SEUS SIGNIFICADOS E USOS	16
3.1 CARTELA DE CORES	20
4 CONCLUSÃO	
ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
REFERÊNCIAS	
ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	

1 INTRODUÇÃO

O Halloween é uma tradição de origem celta, celebrada anualmente no dia 31 de Outubro. Atualmente, pode se dizer, gira em torno da brincadeira - "*trick or treat*" - "doces ou travessuras", nela as crianças batem de porta em porta, pedindo doces. As residências são decoradas com o tema, lanternas de abóboras, filmes de terror, jogos e brincadeiras também são parte da festa. Ruas e ambientes comerciais também são decorados, e pessoas, principalmente as crianças, saem fantasiadas.

Este artigo apresenta a história do Halloween e identifica elementos históricos que deram origem à celebração e às tradições que o evento envolve. Identifica os elementos de origem celta e cristã.

Como e por que o Halloween é celebrado, e como a cenografia é aplicada nesta celebração, até os dias de hoje, são perguntas que definem o problema de pesquisa que este artigo pretende responder.

2 HALLOWEEN

Halloween, ou Dia das Bruxas, é uma celebração encontrada em vários países, especialmente nas regiões anglófonas, onde a língua inglesa é o idioma oficial. É realizado anualmente na data de 31 de outubro, e dá início à vigília de três dias do "Allhallowtide"(MARKALE, 2001), o tempo do ano litúrgico cristão dedicado a lembrar os mortos, incluindo santos, mártires e todos os seus fiéis falecidos. Dentre os dias reservados à celebração, dia 31 de outubro é a celebração do Halloween, dia 01 de novembro Dia de Todos os Santos, e no dia 02 de novembro Finados.

Em muitas partes do mundo, as vigílias religiosas cristãs de Halloween, como frequentar os cultos da igreja e acender velas nos túmulos dos mortos, permanecem populares, embora em outros lugares seja apenas uma celebração mais comercial e divertida. Alguns cristãos, historicamente se abstém de carne no Dia das Bruxas.

Entre as atividades de Halloween mais comuns, estão festas a fantasia, bater nas portas dos vizinhos pedindo "doce ou travessura", decorar a casa,

fazer lanternas de abóbora, fogueiras, jogos de adivinhação, ir em atrações "assombradas", contar histórias assustadoras e assistir filmes de terror.

Suas origens são encontradas desde a Idade da Pedra, pois a morte e o sobrenatural sempre mexeram com a imaginação do ser humano. Pesquisas arqueológicas mostram que os seres humanos primitivos cultuavam deuses e se reuniam em rituais para homenagear os mortos.

No antigo Egito já havia um tipo de "Halloween". Nesta comemoração existiam rituais específicos, já que acreditava-se que os espíritos dos mortos poderiam entrar em contato com quem ficou na Terra.

Os antigos celtas também executavam um ritual de "Halloween" semelhante ao dos egípcios. Assim como eles, os celtas também acreditavam que em determinada época era possível manter contato com os mortos por um tipo de portal aberto para outra dimensão. A origem celta do Halloween é um ponto discutido e polêmico, portanto vale comentar um pouco mais sobre isso:

2.1 CELTAS

Os celtas eram povos de família linguística indo-européia que se localizavam no oeste da Europa. Dividiam-se por diversas tribos de "religião" druida. Começaram a se espalhar a partir do II milênio a.C. Tinham uma cultura impregnada pelo mito, uma vez que acreditavam no "poder" da escrita e por isso nada do que consideravam importante era registrado. Toda sua história era passada de geração em geração apenas oralmente.

Segundo Barros (1994), "diferente do que a maioria das pessoas pensa, os povos celtas não estavam, nem mais nem menos, obcecados pela magia e pela observância das práticas rituais do que quaisquer outros povos menos adiantados do Velho Mundo". Pode-se dizer que eles praticavam era mesmo "magia" porque "religião" não é exatamente algo que se possa relacionar com a consciência deste termo nesta época. Não havia um corpo de crenças bem definidas, como nas grandes religiões históricas; não havia consciência ou conformidade sobre as questões da vida pós-terrena, céu e inferno, ou da posição do homem em relação ao

sobrenatural. Nem havia um panteão bem organizado como os povos gregos e romanos. Assim como a maioria dos camponeses simples, os celtas acreditavam no sobrenatural em todos os aspectos da sua vida e ambiente. Eles conjuravam poderes mágicos, com fins benéficos, por meio de rituais, sacrifícios, e principalmente pela recitação de mitos.

Eram realizadas grandes celebrações solenes, durante o ano, relacionadas às estações climáticas. Aconteciam 40 dias antes do início da nova estação, já que no plano simbólico a quarentena significa um período de espera, de preparação, de incubação de algo que virá eclodir. A mais importante era a celebração do Samain (Samhain, novembro em irlandês moderno), festa real e militar, que acontecia em data que corresponde aproximadamente ao 1º de novembro no nosso calendário. Celebra o início do Inverno e o início do ano celta, quando se dá o início da escuridão do inverno, já que as noites nórdicas duram quase 24 horas, e fim da estação solar onde praticamente não há noite. Na véspera de Samain, que seria então 31 de outubro, toda a iluminação era apagada, e somente no dia seguinte os druidas (sacerdotes) reacendiam o fogo celebrando o novo recomeço (POWELL, 1974).

Na festa o banquete era abundante. Barros (1994) relata que rei e bravos guerreiros dividiam bebidas fortes e fermentadas, em taças de cristal cravejadas de pedras preciosas, hidromel e licores doces. Havia canto e declamação de poemas. Os druidas e deusas para operar milagres bebiam vinho. A alegria e a embriaguez eram presentes e necessárias para ultrapassar o real e aprender o sobrenatural, aliadas à carne de porco, que acreditavam dar acesso à eternidade. Para se protegerem das almas, os celtas vestiam fantasias de animais para afastar qualquer espírito vingativo e deixavam doces nas portas de suas casas para acalmá-los. Brigas, disputas ou violência não eram toleradas. Durante o Samain eram certamente oferecidos sacrifícios, embora não tenham sobrevivido descrições textuais. De acordo com Powell (1974), os mitos do Samain tinham relação com a renovação da fecundidade da terra e dos seus habitantes, e diziam respeito a união do deus tribal com a deusa da natureza que alimentava o território da tribo, e que era por vezes personificada num rio ou em outro acidente natural. Samain é uma celebração que transita na dualidade, seria um ponto de equilíbrio entre o tempo humano e o tempo divino, onde não há diferenciação entre vivos e mortos, mortais

ou deuses; onde o tempo normal foi abolido, suspenso, esquecido pois a data de Samain não pertencia nem ao ano que passou nem ao ano que iria começar, fazia parte de uma lacuna de tempo.

2.2 ORIGEM CRISTÃ

Desde o século IV a Igreja da Síria consagrava um dia para festejar "Todos os Mártires". Três séculos mais tarde o Papa Bonifácio IV transformou um templo romano dedicado a todos os deuses (Panteão) num templo cristão e o dedicou a "Todos os Santos". A festa em honra de Todos os Santos, inicialmente era celebrada no dia 13 de maio, mas o Papa Gregório III mudou a data para 1 de novembro, que era o dia da dedicação da capela de Todos os Santos na Basílica de São Pedro, em Roma. Mais tarde, no ano de 840, o Papa Gregório IV ordenou que a festa de Todos os Santos fosse celebrada universalmente. Como as grandes celebrações, também ganhou a sua celebração vespertina ou vigília, que prepara a festa no dia anterior (31 de outubro). Na tradução para o inglês, essa vigília era chamada *All Hallow's Eve* (Vigília de Todos os Santos), passando depois pelas formas *All Hallowed Eve* e *All Hallow Een* até chegar à palavra atual Halloween (MARKALE, 2001).

Independente de origem celta ou cristã, de qualquer forma, o que podemos ter certeza é que a celebração moderna do Halloween é uma mistura complicada de tradições e influências em evolução.

Sobre a origem do costume de bater em portas dos vizinhos dizendo "doce ou travessura", ou do inglês "trick or treat", sabe-se que na Idade Média um costume do Dia de Finados era o chamado "souling", de "soul" que significa alma, em que as crianças pediam pelas portas um bolo, o "bolo das almas", e em troca faziam uma oração pelos familiares falecidos de quem lhes dava o bolo. Acredita-se que essa tradição evoluiu para a tradição de pedir um doce, sob "ameaça" de fazer uma travessura (SKAL, 2002).

2.3 HALLOWEEN SE FORTALECE

Existiam muitas festividades e celebrações na Idade Média e no Renascimento. Várias delas se opunham à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações - as festas “carnavalescas” - possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular (CARNEIRO, TELLES, 2005). Essas festas possuíam uma diferença fundamental com relação às modalidades oficiais da Igreja e do poder feudal: edificavam um segundo mundo, uma segunda vida, vivenciada apenas nessas ocasiões especiais, constituindo uma espécie de dualidade do mundo. Essa dupla percepção, bem como a prática festiva, já existia desde a alvorada da humanidade.

O que diferencia esses eventos entre o mundo primitivo e as sociedades onde prevalece o sistema de classes, como no Estado romano e na Idade Média, é a perda da unidade ritualística. Em Samain existe um ritual a ser seguido já no Halloween não. Desritualizam-se, ao mesmo tempo em que consolidam novas modalidades de expressão popular. Assim como nos saturnais romanos e nos carnavais medievais. No carnaval medieval, o princípio da comicidade ganha autonomia de seu contraponto religioso. Destaca-se seu caráter de festa pagã. Apesar de semelhança com formas teatrais, as festas medievais situam-se entre a arte e a vida cotidiana. A diferença básica entre o teatro e o festejo populares da Idade Média, é que este ignora por completo qualquer distinção entre ator e espectador. Ignora também o palco. Os cidadãos não assistem passivos ao Halloween, participam, vivem, pois o festejo é para todos, daí seu caráter universal (CARNEIRO, TELLES, 2005). A dualidade, porém, sempre é presente em Samain: o vivo e o morto, o natural e o sobre natural, entre o sagrado e o profano, o sublime e o vagabundo, a verdade e a mentira. Nas festas oficiais, as distinções hierárquicas, com insígnias, títulos, discursos e pompas, marcavam intencionalmente as desigualdades, já nas celebrações populares, o ideal catártico e lúdico fazia com que todos parecessem iguais.

Outro evento também contribuiu como ingrediente para o Halloween. Na Inglaterra onde aconteceu a perseguição protestante, os católicos foram privados dos seus direitos legais e não podiam exercer nenhum cargo público. Além disso,

foram-lhes infligidas multas, altos impostos e até mesmo a prisão. Para Moore (2006), celebrar a missa era passível da multa e nesta época centenas de sacerdotes foram martirizados. Produto dessa perseguição foi a tentativa de atentado contra o rei protestante Jorge I. O plano, conhecido como *Gunpowder Plot* ("Conspiração da Pólvora"), era fazer explodir o Parlamento, matando o rei, e assim dar início a um levante dos católicos oprimidos. A trama foi descoberta em 5 de novembro de 1605, quando um católico converso chamado Guy Fawkes foi apanhado guardando pólvora na sua casa, tendo sido enforcado logo em seguida (MOORE, 2006). Em pouco tempo a data converteu-se numa grande festa na Inglaterra, que perdura até hoje. Muitos protestantes a celebravam usando máscaras e visitando as casas dos católicos para exigir deles cerveja e pastéis, dizendo-lhes: "*trick or treat*" ("doce ou travessura"). Mais tarde, a comemoração do dia de Guy Fawkes chegou à América trazida pelos primeiros colonos, que a transferiram para o dia 31 de outubro, unindo-a com a festa do Halloween, que havia sido introduzida no país pelos imigrantes irlandeses (MARKALE, 2001).

Entre os elementos acrescentados, temos ainda o costume dos "disfarces", nascido na França entre os séculos XIV e XV. Nessa época a Europa foi flagelada pela Peste Negra e a peste bubônica dizimou perto da metade da população do Continente (MARTINS, 2001), criando entre os católicos um grande temor e preocupação com a morte. Multiplicaram-se as missas na festa de Finados e nasceram muitas representações artísticas que recordavam às pessoas a sua própria mortalidade. Algumas dessas representações eram conhecidas como danças da morte ou danças macabras. Alguns fiéis, dotados de um espírito burlesco, costumavam adornar na véspera da festa de finados as paredes dos cemitérios com imagens do diabo puxando uma fila de pessoas para a tumba: papas, reis, damas, cavaleiros, monges, camponeses, leprosos, etc. Também eram feitas representações cênicas, com pessoas disfarçadas de personalidades famosas e personificando inclusive a morte.

Foi no acontecimento da "Fome da Batata Irlandesa", de 1845 (JOANNON, 2007), que trouxe um grande fluxo de imigrantes irlandeses para a América que vieram muitos dos antigos costumes e tradições irlandesas, que o Halloween realmente se consolidou nos Estados Unidos, embora o feriado de Halloween já tivesse sido trazido oficialmente para lá. De acordo com Markale (2001), o

Halloween inicialmente era celebrado apenas por pequenos grupos étnicos de pessoas de origem principalmente irlandesa. A partir daí a ideia de celebrar Halloween foi abraçada pelas massas. Foi, na década de 1920 que festa de Halloween ficou completamente fora de controle, as tradições divertidas e familiares em torno das festividades de Halloween estavam repletas de vandalismo, níveis extremos de prejuízo e até mesmo em alguns casos, violência desnecessária. O Dia das Bruxas tornou-se assustador de um modo diferente causando grandes preocupações em muitos municípios em todo o país. Com isso muitas comunidades aproveitaram a oportunidade de assumir uma posição forte sobre o que seria aceito e o que não aconteceria quando chegasse às festividades de Halloween, o que acabou organizando toda a celebração. Markale (2001) comenta que durante a Segunda Guerra Mundial, a ideia de Halloween foi quase abandonada devido ao racionamento de açúcar. Quando a guerra terminou, o Dia das Bruxas estava pronto para ser trazido de volta à vida com um rosto novo, fresco e familiar. Os atos de maldade do passado foram largamente abandonados, enquanto o Dia das Bruxas mais uma vez tornou-se uma celebração totalmente abraçada por crianças e famílias em todo o país.

2.4 HALLOWEEN ATUAL

O Halloween foi se consolidando e atualmente possui uma linguagem e características próprias. Embora se pensasse que originalmente a história do Halloween parece obscura, mística e sobrenatural, agora as tradições de Halloween são incentivadas a ter uma sensação mais divertida e orientada para a família, de maneira mais infantil e lúdica. Algumas tradições assustadoras que cercam o Dia das Bruxas persistiram mais do que outras com o passar dos anos. A narração de histórias de fantasmas, se tornaram populares durante esta época do ano. Fantasias para ir de porta em porta em busca de guloseimas também se tornou parte desses rituais anuais de Halloween.

2.4.1 Halloween na Cultura Brasileira

A celebração do Dia das Bruxas ainda não faz realmente parte da cultura no Brasil, mas é um movimento cultural que cada vez mais vem a aglutinar-se na

cultura brasileira. Nos anos 90 já havia um forte apelo em relação ao Halloween. Em programas de TV, como por exemplo no programa Note e Anote, com a apresentadora Ana Maria Braga na rede Record, eram apresentadas receitas e trabalhos manuais com tema de Halloween, assim como em revistas femininas, etc. A cultura das mídias (SANTAELLA, 2003) trouxe para uma determinada parcela do povo brasileiro a ideia de Halloween e a partir daí algumas pessoas passaram a incorporar a celebração. Foi quando a cultura de massas que até então trazia uma única mensagem para todos massificada passou a ser mais focada para um determinado público. Independentemente de ser bom ou não a realidade é que para algumas famílias brasileiras o Halloween já é um evento cultural.

A cultura brasileira se dá através um emaranhado de fragmentos culturais diversos devido a multiplicidade de imigrantes presentes em todo o decorrer de sua história, o que ainda é realçado pelo vasto território nacional. Nossa cultura é antropofágica (ANDRADE, 1990). E o antropofagismo é criado a partir da soma da dialética regional e a universal. O próprio tropicalismo já reforça que o do outro não pode ser anulado e não há como negar a entrada da tradicional celebração do Halloween no Brasil. Há diversas perspectivas, não há um núcleo cultural, são múltiplas falas e olhares. Estamos tratando de ambiguidades, dualidades, política ou estética em nome integração antropofágica do material que é deglutido no mesmo instante em que é inventariado. Assim como o movimento antropofágico, que sugere que ao invés de excluir o outro, propõe devorá-lo, a cultura seja ela americana, celta, cristã ou pagã do Halloween pode e está sendo devorada pela cultura brasileira. Sendo aglutinada. Somada. Já existe inclusive um projeto de lei, com base em ideias assim como fazia a igreja da Idade Média, de transformar o Halloween em Dia do Saci. Tentando mudar o caráter “importado” da celebração.

2.4.1.1 Saci pererê

O Saci-Pererê é uma lenda brasileira que existe desde a época do Brasil-Colônia. Segundo Cascudo (2012), o saci é um menino afrodescendente, que usa toca vermelha, tem uma perna só e faz muitas travessuras. É uma figura mitológica do folclore brasileiro. Porém, não se sabe, exatamente, como surgiu a imagem dele. Pois, em diversos relatos, há vestígios das seguintes culturas: africana, europeia e indígena.

O saci, também conhecido saci-cererê, matimpererê, matita perê, saci-saçurá e saci-trique, é um personagem bastante conhecido do folclore brasileiro. Tem sua origem presumida entre os indígenas da Região das Missões, no Sul do país, de onde teria se espalhado por todo o território brasileiro. A figura do saci surge como um ser maléfico, ou como somente brincalhão ou ainda como gracioso, conforme as versões comuns ao sul. Na Região Norte do Brasil, a mitologia africana o transformou em um negrinho que perdeu uma perna lutando capoeira, imagem que prevalece nos dias de hoje.

Herdou também, da cultura africana, o pito, uma espécie de cachimbo e, da mitologia europeia, herdou o píleo, um gorriño vermelho usado pelo lendário trasgo. Trasgo é um ser encantado do folclore do norte de Portugal, especialmente da região de Trás-os-Montes. Rebeldes, de pequena estatura, os trasgos usam gorros vermelhos e possuem poderes sobrenaturais. O saci é um negro jovem de uma perna só, portador de uma carapuça sobre a cabeça que lhe concede poderes mágicos. Sobre este último caractere, é de notar-se que, já na mitologia romana, registrava Petrônio, no *Satiricon*, cujo píleo conferia poderes ao íncubo e recompensas a quem o capturasse. Considerado uma figura brincalhona, que se diverte com os animais e pessoas, fazendo pequenas travessuras que criam dificuldades domésticas, ou assustando viajantes noturnos com seus assovios, bastante agudos e impossíveis de serem localizados. Assim é que faz tranças nos cabelos dos animais, depois de deixá-los cansados com correrias; atrapalha o trabalho das cozinheiras, fazendo-as queimar as comidas, ou ainda, colocando sal nos recipientes de açúcar ou vice-versa; ou aos viajantes se perderem nas estradas.

O mito existe pelo menos desde o fim do século XVIII ou começo do XIX. A função desta "divindade" era o controle, sabedoria, e manuseios de tudo que estava relacionado às plantas medicinais, como guardião das sabedorias e técnicas de preparo e uso de chá, beberagens e outros medicamentos feitos a partir de plantas. Como suas qualidades eram as da farmacopeia, também era atribuído, a ele, o domínio das matas onde guardava estas ervas sagradas, e costumava confundir as pessoas que não pediam a ele a autorização para a coleta destas ervas (CASCUDO, 2012). O Dia do Saci existe no projeto de lei federal nº 2.762, de 2003 (anexado ao projeto de lei federal nº 2.479, de 2003), elaborado pelo deputado federal Chico Alencar, (PSOL -RJ) e pela vereadora de São José dos Campos,

Ângela Guadagnin (PT – SP), com o objetivo de resgatar figuras do folclore brasileiro, em contraposição ao “Dia das Bruxas”, ou, Halloween, de tradição cultural celta. Propõe-se seja celebrado em 31 de Outubro.

Não é possível ignorar que até hoje algumas pessoas ainda tem medo e obviamente são relutantes em participar de uma celebração na qual acreditam ter uma origem duvidosa, preenchida com práticas obscuras, associação com coisas aterrorizantes, incluindo bruxaria, demônios, fantasmas e coisas do gênero, por isso o Dia das Bruxas ainda é evitado por muitas pessoas especialmente as religiosamente rigorosas.

Lojas de produtos para festas, “casa de festas”, tem o Halloween como principal data de vendas do ano. Restaurantes, lanchonetes e diversos estabelecimentos comerciais são decorados com o tema. É bem visível a interferência cenográfica nos estabelecimentos comerciais.

2.5 CELEBRAÇÃO DE RUA

A celebração atual do Halloween parte de uma celebração urbana. É na rua que as crianças fantasiadas batem nas portas da vizinhança. É na rua que apreciamos a decoração das casas. O espaço urbano é o cenário da celebração.

A maioria das celebrações do Halloween no Brasil acontece em ambientes “controlados” como em condomínios residenciais, loteamentos fechados, escolas, shoppings centers. E são as crianças as protagonistas.

Celebrar o Halloween é brincar e brincar é a forma de expressão da criança. Mesmo que dentro de um ambiente urbano controlado quando a celebração do Halloween acontece em um condomínio de casas por exemplo, as crianças têm a oportunidade de disfrutar de atividade cultural num espaço “público”, fortalecendo os vínculos comunitários aprendendo sobre a política da “boa vizinhança”. Estimula a iniciativa, a curiosidade e a imaginação da criança.

No Halloween as ruas do condomínio passam a ser um espaço de todos. Passa a acontecer uma nova vivência do espaço pseudourbano onde se entrelaçam complexas relações sociais e culturais ali desenvolvidas. Construindo uma nova identidade cultural, é na verdade um exercício de dominação e apropriação do

espaço, que vem se consolidando ano após ano. Essa celebração cultural caracterizada pela criatividade, que supera a racionalidade planejada e dominante do dia a dia na cidade. É um evento lúdico, estimula a curiosidade e a imaginação da criança, propiciando a apropriação e transformação desse espaço através de sua própria ação, transmutando um espaço físico em um ambiente de fantasia. Cabe destacar também a importância de favorecer, especialmente no Brasil, interações entre crianças de diferentes sexos, e não somente as brincadeiras entre iguais: menina-menina, menino-menino (DIAS, 2015). Num espaço que convida a criança a brincar, a participar de um jogo de relação, principalmente com outras crianças, integrando a diversidade sociocultural. Uma celebração na qual o real e o imaginário compartilham o mesmo espaço.

3 CENOGRAFIA NO HALLOWEEN: ELEMENTOS CENOGRÁFICOS, SEUS SIGNIFICADOS E USOS

A cenografia, neste contexto, tem função estética, com o objetivo direto de causar sensações que podem ser assustadoras, lúdicas ou até mesmo inusitadas, interferindo de maneira definitiva no espaço urbano (DIAS, 2017).

É possível considerar a cenografia como corresponsável pela elaboração da atmosfera da celebração, dando sentido ao todo, dando sentido ao próprio evento. A popularidade do Halloween deu vida a decoração, fazendo com que a celebração popular assumisse vida própria. Ao longo de décadas, o uso das decorações de Halloween tornou-se mais elaborado e mais importante em cada ano que passa. Embora o nosso mundo moderno tenha mudado a forma como decoramos nossas casas em cada Halloween, o simbolismo usado na decoração de Halloween tem suas raízes históricas.

Como a própria tradução de Halloween já diz, Halloween é o Dia das Bruxas. Todos nós reconhecemos imagens de bruxas que vestem um chapéu pontudo, têm uma verruga no nariz e montam em uma vassoura passando pela lua cheia. Talvez elas sejam o símbolo mais comum de Halloween. A icônica imagem de como vemos hoje é uma caricatura, mas é ainda estreitamente associada com a maldade. A imagem de bruxa velha gargalhando, provavelmente é ficcional, embora alguns digam que ela representa a Deusa pagã "The Crone" (SEARS, 2015).

Na idade média, a bruxaria foi associada com a adoração ao diabo e magia negra, o que era temido amplamente em toda a Europa. Durante a caça às bruxas que ocorreu mais tarde na Europa e América, uma histeria em massa se espalhou e milhares de mulheres foram acusadas de feitiçaria, e por isso assassinadas (DRUDY, 2002). Antes do cristianismo chegar à Europa, mulheres sábias e poderosas faziam uso de plantas e ervas como forma de tratar doenças. Quando o catolicismo chegou, a igreja passou a considerar qualquer mulher de poder e conhecimento uma ameaça e tudo passou a ser feito para manchar a reputação dessas mulheres, incluindo associá-las ao culto do diabo e a outras ações do mal. Faziam o povo acreditar que essas mulheres lançaram feitiços malignos sobre os outros, criaram cervejas e elixires que serviriam aos propósitos malévolos do diabo, inventavam poções pecaminosas em caldeirões fervendo, eram possuídas com ideias ainda mais loucas, usavam substâncias tóxicas ou alucinógenos. Usavam vassouras para voar. Fazendo o senso comum se tornar temeroso a essas mulheres (agora rotuladas como bruxas) e somente os menos preconceituosos ainda buscavam essas mulheres, fazendo isso em absoluto sigilo.

As bruxas são figuras literárias também, elas eram retratadas como malvadas e feias em peças shakesperianas e em muitos contos populares europeus. Nos Estados Unidos, a indústria de cartões de saudação adicionou a figura da bruxa nos cartões de Halloween no final de 1800, pensando que seria uma boa representação visual para a data.

Há ainda uma grande conexão entre bruxas, gatos pretos e o mal. Tudo porque na Idade Média, os bichanos dessa cor eram considerados bruxas e diabos transformadas em bichos. Pois bem, essa era a mentalidade da época que, além disso, levantou a ideia de que cruzar com um deles na rua poderia trazer má sorte. Foi aí que essa história nasceu, por conta da associação às trevas e a magia negra. Isso também aconteceu porque durante a caça às bruxas, as mulheres acusadas, frequentemente tinham gatos pretos como companheiros. Desde que os gatos ficassem bem escondidos e despercebidos no escuro, pareciam ser parceiros perfeitos para elas aos olhos dos outros (seriam demônios que poderiam ajudar as bruxas com magia negra). Por isso o preto é frequentemente associado a má sorte, mistério e mal. Os gatos pretos eram considerados objetos de superstição. (RAMOS, 2017)

Para a decoração de Halloween alguns elementos cenográficos não podem ser deixados de fora, especialmente as abóboras. Acredite ou não, a abóbora original de Halloween não era uma abóbora, era um nabo. De acordo com o folclore irlandês, segundo MARKALE (2001) um homem chamado Jack pregou uma peça no diabo e foi condenado a vagar eternamente pela terra sem um lugar de descanso. Armado com apenas com uma brasa brilhante do diabo para iluminar o caminho, Jack colocou em um nabo esculpido e fez uma lanterna improvisada. Os irlandeses o apelidaram de “Jack da Lanterna”, ou “Jack O’Lantern”. Na véspera de todo Halloween, os povos da Irlanda e da Escócia esculpiam rostos assustadores em nabos e batatas e colocavam brasas dentro deles, na esperança de afastar os maus espíritos. Imigrantes europeus adaptaram esta tradição quando eles viajaram para os Estados Unidos, logo descobrindo que as abóboras seriam lanternas perfeitas. Atualmente, especialmente nos Estados Unidos, o Jack O’Lantern é esculpido a partir de uma abóbora com um rosto inscrito na carne da cabaça que pode variar desde o olhar mais assustador até algo mais pesado ou mesmo cômico. No Brasil não há o costume de se esculpir as abóboras, mas não há como deixar de utilizar abóboras cenográficas, de todo o tipo de material, nas decorações de Halloween.

Os celtas antigos comemoravam o Samhain em torno de grandes fogueiras. Onde dançavam e possivelmente faziam sacrifícios de animais (POWELL, 1974). Essas fogueiras, à noite atraíam naturalmente muitos insetos, de todos os tipos, que voavam, atraídos pela luz, em grande abundância. O que atraía a população local de morcegos. Daí a relação inicial de morcegos ao Halloween. Bruxas também tinham fama de usar sangue de morcego com ingrediente em poções mágicas. Mais tarde vampiros também começaram a ser relacionados a celebração. Civilizações antigas já tinham lendas e folclore sobre entidades sobrenaturais, demoníacas, que bebiam sangue, os “vampiros primitivos”. Mas o romance de terror clássico de 1897 de Bram Stoker, Drácula, realmente trouxe a versão moderna dos vampiros à vida. Estas criaturas são sinônimos de horror porque muitas vezes são descritos como “zumbis”, cadáveres humanos que retornam do túmulo para atormentar os vivos. Sua conexão com a morte e o sobrenatural os torna símbolos perfeitos de Halloween. Uma vez que exploradores espanhóis descobriram morcegos vampiros no século 17, a reputação do morcego e a associação com a escuridão se intensificaram ainda mais. Histórias espantosas e prováveis de estas criaturas bebendo sangue foram

transmitidas e recontadas (RAMOS, 2017). A verdade é que esta variedade particular de morcego realmente bebe o sangue de gado e vários animais. Os morcegos têm sido associados com o mistério, o mal, a morte e o sobrenatural. Só são ativos à noite, além disso, eles vivem em cavernas, o que evoca o submundo.

A aranha é um antigo e poderoso símbolo mítico (SEARS, 2015). Elas geram teias e estão associadas com a magia e o sobrenatural em muitas histórias folclóricas. Teias de aranha são um acompanhamento natural para o dia das bruxas, sua presença instantaneamente evoca um sentimento assustador que algo foi morto ou abandonado por um longo tempo. Além disso, que tipo de casa assombrada, cemitério ou cripta não é simplesmente carregada de teias de aranha antigas? As aranhas e suas teias empoeiradas simplesmente fazem com que tudo pareça mais assustador.

Os esqueletos ou caveiras também fazem parte das decorações de Halloween. Lembram a mortalidade humana. O crânio, acreditavam os celtas, era a casa da alma. No Samhain acreditava-se que os mortos voltavam a vida. Como esqueletos ou como fantasmas, os mortos estavam presentes nas celebrações. Vestiam-se para parecerem mortos, os aldeões locais colocariam fantasias ou máscaras com objetivo de espantar os maus espíritos. Atualmente a caveira simboliza a igualdade. O que é interessante já que mais uma vez a atualização cultural se vai entrelaçando entre as concepções antigas e atualizando o contexto.

Há uma variedade de decorações de Halloween encontradas no mercado de hoje. Para todos os tipos de intenção, preços e gostos diversos. Sejam decorações improvisadas ou caprichosas, horríveis ou cômicas. As decorações de Halloween podem ser divididas em internas, que acontecem dentro das casas, escolas, estabelecimentos comerciais e externas que cobrem as fachadas e jardins.

Nas decorações internas trabalhar com objetos cenográficos pendurados é uma ótima opção. Fantasmas, morcegos e caveiras podem parecer flutuar. Decorar a parede também funciona super bem. As fotos e imagens diárias de quadros e porta-retratos podem ser substituídas por imagens assustadoras, assombradas e macabras. Teias de aranha podem cobrir objetos decorativos e serem penduradas

em cantos e espaços pequenos. Um “strobo” iluminando o ambiente pode dar aquela sensação de terror que faltava.

Na área externa projeções de imagens de terror ou fantasmas, à noite dão um visual especial. Aranhas gigantes nas fachadas também fazem sucesso. Lápides e caixões, com muitas teias de aranha, podem transformar um jardim em um cemitério improvisado, também existem diversas decorações infláveis gigantes e coloridas que chamam muita atenção. Abóboras iluminadas também não podem faltar.

3.1 CARTELA DE CORES

A cartela de cores do Halloween tem três principais cores, o laranja, o preto e o roxo. As cores laranja, preto e roxo não foram escolhidas por acaso para representar o Halloween.

O laranja traz vitalidade, energia e força. O laranja simboliza a colheita. E ainda é a cor da abóbora.

O preto é a cor predominante dos magos, bruxas, feiticeiras. É ausência de luz. Tem relação com a morte. “O cristianismo associou o preto ao mal e ao inferno. Um dos nomes dados a Satanás é “Príncipe das Trevas”. O preto, a cor do luto, era usado pelo sacerdote na missa réquiem” (WILLS, Pauline, 1997).

Já a cor roxa simboliza o ocultismo, a magia presente em toda a comemoração está ligada ao mundo místico e significa espiritualidade, magia e mistério. O roxo é uma das cores litúrgicas na Igreja Católica que se usa no período da Quaresma ou nas missas pelos mortos. Durante a Quaresma, a cor roxa é usada nos paramentos dos sacerdotes e na decoração das igrejas. (BOROBIO, 1990). Para os católicos, o roxo tem o significado de melancolia e penitência. “Na Idade Média a cor púrpura era considerada a mais sagrada. A razão disso por ter sido sua escassez e alto custo. A púrpura é derivada do vermelho e do azul. O azul representa o espírito, e o vermelho, o sangue.” (WILLS, Pauline, 1997).

4 CONCLUSÕES

No Brasil, a cada ano, as festividades de Halloween se tornam cada vez maiores e com maior número de participantes. É notável a cenografia urbana na época do Halloween. Muitos apartamentos em condomínios e casas em loteamentos decorados, a maioria de forma simples e singela, mas alguns com maior empenho. Diversos estabelecimentos comerciais utilizam elementos cenográficos. Principalmente escolas de inglês, abusam da cenografia externa. É comum encontrarmos aranhas e abóboras em restaurantes, festas diversas com o tema, gondolas nos supermercados com doces e adereços, já nos primeiros dias de outubro.

O Halloween, assim como qualquer outro evento cultural, é resultado de um emaranhado de costumes e crenças. E assim, por isso mesmo, no decorrer dos anos vai se moldando às novas gerações, aglutinando tradições, sendo carnavalizado, fazendo parte do processo de multiculturalismo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Oswald. **A utopia antropofágica**. São Paulo, Globo, 1990.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **Uma luz sobre Avallon – Celtas e Druidas**. Mercury, 1994.

BOROBIO, Dionisio. **A Celebração na Igreja – Liturgia e Sacramentologia Fundamental**. Edições Loyola, 1990.

CARNEIRO, Ana; TELLES, Narciso. (org) **Teatro de Rua: olhares e perspectivas**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Ediouro, Rio de Janeiro, 2012.

DIAS, M. S. e FERREIRA, B. R. **Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais – Anpur, 2015.

DIAS, Mariana Simone; ESTEVES, Milton Junior. **O espaço público e o lúdico como estratégias de planejamento urbano humano em: Copenhague, Barcelona, Medellín e Curitiba**. Cad. Metrop. vol.19 no.39 São Paulo May/Aug. 2017.

DRUDY, Nevill. **Dicionário de Magia e Esoterismo**. Pensamento, 2002.

JOANNON, Pierre. **A Grande Diáspora Irlandesa**. História Viva, 2007.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. EDUSC, 2001.

MARKALE, Jean. ***The Pagan Misteries of Halloween – Celebrating the Dark Half of the Year.*** Rochester, VT: Inner Traditions 2001.

MARTINS, Gilberto. ***Peste Negra – a obscura face da Morte.*** Bureau, 2001.

MOORE, Alan. ***V de Vingança.*** Edição Especial. Barueri: Panini Comics, 2006.

POWELL, T. G. E. ***Os Celtas.*** Verbo, 1974.

RAMOS, Denise Gimenez, ... [et. al.]. ***Os Animais e a Psique*** - Volume 2: Asno, camelo, gato, golfinho, morcego, raposa, rato – Summus, 2017.

SANTAELLA, Lucia. ***Culturas e artes do pós-humano.*** Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SKAL, David J. ***Death Makes a Holiday – A cultural history of Halloween.*** Bloomsbury, 2002.

WILLS, Pauline. ***O Uso da Cor no seu Dia-a-dia – Manual Prático.*** Pensamento, 1997.

SEARS, Kathleen. ***Tudo o que você precisa saber sobre mitologia: Dos deuses e deusas aos monstros e mortais, seu guia sobre a mitologia antiga.*** Gente, 2015.